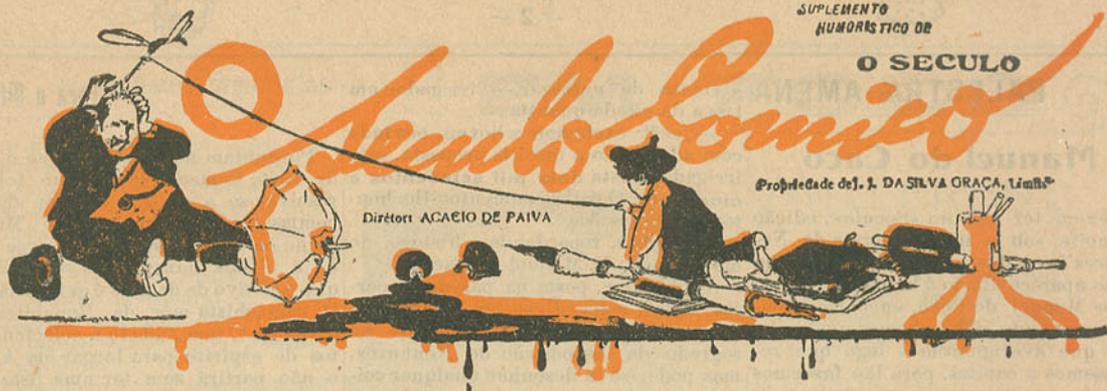


SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Límbo

Director AGACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

De mal a pior



Antes não bastavam os generos para o dinheiro que tinhamos, agora não nos chega o dinheiro para os generos que ha!



PALESTRA AMENA

Manuel do Caco

Devem ter lido no «Seculo», edição da noite, sob o titulo «Cartas de Nenhuress», varios escritos onde o bom senso aparece aliado á boa graça. E' seu autor Manuel do Caco, encobrindo outro nome, que não sabemos qual seja, mas que averiguaremos logo que regressemos á capital, para lhe fazermos as festas que merece, porquanto há muito que não lemos em periodicos coisa que se pareça com as referidas cartas. Se o publico, depois de as ler, fizesse o que n'elas aconselha a pessoa de maior caco que tem aparecido ultimamente na imprensa, outro galo lhe cantaria, em vez do que lhe está cantando o aumento dos preços, os açambarcamentos, os especuladores frequentes, etc. etc.

Ha pouco Manuel do Caco elogiou a «Ordem do malmequer», fantastica instituição que funciona na sua fantastica povoação e que bem facilmente poderia passar da fantasia á realidade, em paizes de algures. Diversos individuos agremiam-se em «Nenhuress», usando como distinctivo um malmequer na lapela, com o fim, entre outros, de não fazerem compras em estabelecimentos onde qualquer dos associados tivesse sido espoliado. Nas paredes de tal estabelecimento desenhavam, a oca ou carvão, um malmequer, publicavam além d'isso uma folha avulsa com a lista negra e o publico já ficava sabendo onde não devia ir comprar fosse o que fosse.

Não nos lembrámos do expediente da flôr, que achamos excelente e pratico, mas não de ter notado que por meio d'estas palestras temos procurado efeitos identicos. Não se recordam da historia do celebre algnidar, á venda n'uma tenda de Lisboa, que mudou de preço, progressivamente, seis vezes em dois dias? Não se recordam do que contámos acerca d'um medicamento mandado aviar em 3 farmacias da Figueira da Foz, com preços diversos em cada uma? Não se recordam...

Pois vai hoje mais uma denuncia, visando uma das tais farmacias, a do sr. Rosa Limpo, na rua da Liberdade. Achava-se ali em exposição, ha 8 dias, um belo irrigador, com seu corpo cilindrico de vidro reluzente, amparado por folha de Flandres, pintada de formosa cor, e, como muito nos apeteceesse tão elegante utensilio, perguntámos o seu preço ao farmacêutico:

—Dois mil duzentos e cincoenta réis, respondeu.

Safmos, para meditar, porque o preço era puxadito e a formula $\frac{r}{d} \cdot 1$ corresponde por enquanto a uma quantidade indeterminada e hontem voltámos, resoluídos a esportular o que antigamente era meia libra e hoje é, aproximadamente, a decima milionissima parte d'essa simpatica-moeda.

Não se encontrava no estabelecimento do sr. Limpo, mas um dos seus empregados na limpeza, ao qual pedimos

a fineza de entregar o irrigador em troca da citada quantia.

—Qué?! exclamou o joven, ouvindo com admiração a insolita proposta, este irrigador custa dois mil setecentos e cincoenta. O patrão aumentou-lhe hontem cinco tostões.

Retirámos, recordando a historia do malmequer, de Manuel do Caco.

Aquella flor, posta na parede de certas casas, nada diria ao transeunte, porque este não está possivelmente no segredo da Associação de Nenhuress, mas poder-se-ia desenhar qualquer coisa que toda a gente comprehendesse: uma gazua, por exemplo.

J. Neutral.

Festejos principescos

Ainda não está elaborado o programa dos festejos em honra do principe de Monaco, mas, por portas travessas, consta-nos que não irá longe do seguinte:

1.º dia. — Sua alteza será convidado a visitar alguns «comboios» mais frequentados, onde assistirá a curiosos exercicios, tais como: o puxar o rabo á sota, o saltar no az, etc.

2.º dia. — Será oferecido a sua alteza um jantar genuinamente lisboeta, isto é, com sopa e mais um prato de iccas.

3.º dia. — Para sua alteza se deliciar com um dos melhores espectaculos da



capital, será introduzido n'uma «bicha» de carvão.

4.º dia. — Récita de gala, com «prise» da celebre revista «Sol e moscas», afim de sua alteza apreciar a nossa literatura.

5.º dia. — Uma sessão no Parlamento, com discursos do camarada Augusto, que executará depois na guitarra alguns trechos escolhidos.

6.º dia. — Por despedida, uma revoluçãozinha sem consequencias de maior: afim com 200 feridos e 500 mortos apenas.

Houve tambem ideia de dar ao principe a provar o pão de segunda e a lér uma peça do senador Nunes da Mata, mas desistiu-se, porque para goso já basta.

Ministerio nacional

Fala-se muito por aí na organização d'um ministerio nacional. Bem nos queria parecer que os que nos tem governado até agora têm sido formados por estrangeiros, ou coisa parecida!

Para o Ultramar

Perguntam-nos porque é que o nosso dr. Brito Camacho levou tanto tempo a resolver-se a aceitar o logar de alto commissario da provincia de Moçambique (se é que o aceita e não roe a corda á ultima hora) e nós respondemos que o motivo da demora é evidentissimo. O camachista-mór da Republica, que é sua ex.ª, tem andado a coleccionar ditos de espirito para largar em Africa, e não partirá sem ter uma lista sufficientemente extensa. Aí vão alguns,



que ele amavelmente nos cedeu, em primeira mão.

Quando desembarcar. As autoridades, cumprimentando-o:

—Temos muita honra...

O nosso homem:

—Sério? Bem se vê que não estou na metropole! Honra, é coisa que lá não ha...

Alindando ao calor:

—V. ex.ª ha de estranhar a temperatura de Moçambique...

Camacho:

—Sim, mas tenciono tomar carapinhada de hora a hora.

Os de lá, admirados!

—Perdão, sr. commissario. Carapinhadas é coisa que não temos cá.

—Ah! julgava! Como não vejo senão carapinhas...

No jantar de gala. Para os convivas, que estão de casaca:

—Agradeço o apresentarem-se em trajes de cerimonia, mas não era preciso. Para a outra vez peço-lhes que venham de tanga, com os seus fatos habituais...

No baile official, dançando com a dama mais categorizada e formosa e querendo dirigir-lhe uma amabilidade:

—Os avós de V. ex.ª eram antropofagos, não eram?

Livros, livrinhos e livrecos

«Portugal», por «Ivalda». — Trata-se d'um folheto, em verso, d'uma senhora que pede a Portugal que rejuvenesça, enxote os lacaioes e «mande imprimir em sangue a Biblia de Camões». São quadras com energia e que deixam prever obra de maior folego. Ela que venha.



Conquistas feministas

Não é só na America do Norte que as senhoras estão batendo os homens no exercicio de varias profissões; na Europa tambem elas já rivalizam conosco, tornando-se notaveis como advogadas, medicas, etc., e agora até, segundo conta um jornal, appareceu uma dama no pulpito da cathedral de Genebra, prégando tão bem como o padre mais eloquente: o reverendo Fiandei-ro, por exemplo.

Em vista do exito da menina Maud Royden (é o nome da prégadora) as suas colegas, no sexo, resolveram entregar-se ao sacerdocio, embora oficialmente ainda não lhes sejam reconhe-cidas tais funções.

Estão os senhores a vêr as vanta-gens de termos, em lugar dos machar-rões dos padrecas, madamas exercendo o mister d'estes: quem é que não confessará de bom grado os seus pecados a uma bonita princeza, quem se re-cusará a tomar uma partícula sagrada por lindas mãos femininas, quem é que faltará á missa, só pelo prazer de ou-



vir o «Dominus vobiscum» coado por uns labios de carmin?

Por enquanto ha só sacerdotisas protestantes, mas é de esperar que em breve as tenhamos tambem catolicas e aí está o modo de unir todos os portugue-ses, ao menos em religião, porque não haverá ateu que não se converta, se elas forem bonitas, e quanto aos que se dizem religiosos e não seguem os preceitos da Igreja, passariam a frequentar os templos assiduamente. Com estafermos como o padre Farinha é que não temos nada feito.

«Ainda a costureira»

Sobre o curioso fenomeno já conhe-cido pelo nome de «costureira», rece-bemos as seguintes cartas:

«Sr. redactor:

«Tambem em minha casa apparecem em tempos a «costureira», mas calei-me até agora por não julgar o caso digno da publicidade pela imprensa. Vejo, porém, que me enganei, por isso dese-

EM FOCO

MILLERAND



Quando li que o antigo presidente, O amigo Deschanel, se demitia, Disse logo comigo:—Que arrelia! Vai haver luta séria, certamente!

Afinal, aparece um pretendente, Personagem da minha simpatia, E resolve-se a crise n'um só dia, Da maneira mais facil e prudente.

E eu que julguei (tolissima lembrança)! Que os francezes, por força do destino, Tinham de procurar sem ser em França

Um chefe já provado e superfino! Ainda d'esta vez (baldada esperança!) Não nos levam de cá o Bernardino!

BELMIRO

jo contribuir com o meu quinhão para a descoberta de tão extranho misterio.

«Em tempos tomei um purgaute, por conselhos medicos. O resultado não se fez esperar, com desusados ruidos, muito parecidos com os d'uma maquina de costura em andamento. Esses ruidos produziram-se no vaso da noite, de que me costume servir habitualmente e tinham um pronunciado cheiro a almas do outro mundo. Os sabios que digam da sua justiça.

Leitor assiduo, X. P.»

«Sr. redactor.

«Eu nunca ouvi a «costureira», mas minha mulher assegura que todas as noites, enquanto eu durmo, ouve um barulho exquisito na cama onde estamos os dois e — coisa notavel! — esse barulho sai de mim proprio! A's vezes parece assobio, ontras vezes o de uma



filarmonica em marcha, ontras, final-mente, o de uma maquina de costura. Acorda-me então minha mulher e logo o ruido deixa de se ouvir.

«A' consideração dos competentes apresento esta exposição, que exprime absoluta verdade. Sou com considera-ção.

At.º Ven.º e Obg.º T. O.»

O EGRESSO DO MARQUES

Já lhes dissémos que o Marques é novo rico. Tem uma fortuna avaliada em 500 contos, ganhos (tambem crêmos que já dissémos) do modo mais facil d'este mundo: comprando palhas d'alhos a vintem o quilo e vendendo-as a dez tostões.

O Marques acaba de voltar a Lis-boa, depois d'uma permanencia de dois mezes, com a esposa, na Figueira da Foz, e é o pratinho de varios disfruta-dores.

Leiam esta: — Então, Marques, foste ao concur-so hipico?

— Qual! A respeito de concursos só fui a um na minha vida, para aspira-nte das alfandegas e fiquei repro-vado. Nunca mais me apanham em concursos. E de mais a mais, graças a Deus, não preciso de empregos publi-cos.

E esta: — Lá na Figueira ouviste no Casino Peninsular o sexteto Benetó?

— Ouvi, mas nem por isso gostei muito.

— Porquê? — Não vêes que era um sexteto só com seis musicos...

Mais esta: — O peixe na Figueira era carissimo, hein?

— Qual! O peixe que lá se vendia mais caro era a lagosta...

Já agora, esta mais: — Bonita, a barra da Figueira? — Sim, não é feia, mas lá o Tejo é muito mais estreito do que em Lis-boa...

Carne da Moirama



- Já lhe serviram carne do gado vindo de Marrocos?
— Ainda não, porquê?
— Sou catolico intransigente e por isso não posso tragar o que seja moiro!